UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA/ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
Mídia, Política e Movimentos Sociais
Professor: Jorge Almeida / Estudante: Ana Vaneska / Semestre 2005.2

# MSTB e a Representação Social de Gênero no Jornal A Tarde

*"Ah, ah, ah!! Pode acreditar! Mulheres Sem Teto conquistando o seu lugar!!!"*

Grito de Guerra das Guerreiras Sem Teto
no dia da "I Caminhada das Mulheres do MSTB",
8/03/2005.
Momento no qual a visibilidade e a força política das mulheres
estiveram presentes na mídia ao mesmo tempo.

**Palavras-chave**
Representação Social de Gênero, Participação política, Visibilidade, Mídia, Hegemonia e Contra-hegemonia.

Entrevistas com lideranças do MSTB e um breve levantamento de falas de demais integrantes, editadas em matérias do jornal A Tarde, durante o ano de 2003, deram a esse trabalho rico material para análise. O material recolhido data de 20 de agosto a 30 de dezembro. Sendo o dia 20 um dia antes da *I Marcha do Movimento dos Sem Teto de Salvador* (hoje, *Sem Tetos da Bahia*), que acontece no dia 21, marco do seu início, temos a possibilidade de identificar quem foram as lideranças que atuaram como referência, dando os nortes políticos para a(o)s demais *Sem Tetos*.

A partir de uma análise dos conteúdos das falas – definidas como a*ssessório-específica* ou p*olítico-estrutural*[1] –, os relacionando com a questão de gênero, buscamos trazer à luz que no *A Tarde* as falas dos homens predominantemente, desde o período de formação do MSTB, têm sido as que mais representam "os protagonistas", representando o poder acerca das elaborações e decisões políticas do Movimento. Há um questionamento (e um incômodo) acerca da invisibilidade da força política, liderança e do poder das mulheres na mídia aqui pesquisada[2].

[1] A descrição dos conceitos ao longo do texto será feita. O leitor pode ter acesso ao levantamento numa tabela de falas em anexo.
[2] E noutras também, principalmente os meios de comunicação televisivos, porém só nos foi possível analisar o conteúdo das falas de um jornal específico dentro de um intervalo de tempo específico. A nossa intenção é detectar no particular do conteúdo das matérias analisadas o que pode ser ampliado para o geral das matérias feitas pelos meios de comunicação diversos.

Levando em consideração que o universo das mulheres do Movimento, segundo dados fornecidos pelas próprias lideranças, é de 67,5%[3]; que a Luta pela Moradia é uma luta historicamente encampada por figuras do sexo feminino[4], que são elas a maioria das lideranças *Sem Teto*, e que, mesmo assim, num dos principais veículos de comunicação baianos a voz destas aparece comumente num lugar de "coadjuvantes", cumprindo o papel de nutrir o conteúdo do discurso geral e político dos homens, perguntamo-nos as razões para esse fenômeno da invisibilidade.

Desde já justificamos que evitamos colocarmos-nos numa posição sectária [ou construí-las no imaginário da(o)s leitora(e)s], intentando não criar um antagonismo ou uma oposição insalubre entre os sexos, mas sim, colocamo-nos na condição daquelas(es) que, pertencendo ao Movimento de luta pela moradia e ao Movimento de Luta Contra a Opressão à Mulher, intentamos levantar questionamentos que nos incite a pensarmos, mulheres e homens, e intervirmos sobre a problemática lançada no texto, que diz respeito sobretudo à democratização do discurso político e ao necessidade de favorecimento da visibilidade da capacidade e do poder político das mulheres do MSTB na Mídia.

## A Questão de Gênero e o MSTB

Numa cartilha muito acessível, "O que é Gênero" (Camurça e Gouveia, 2004), editada pelo *SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia*, em conjunto com as trabalhadoras rurais do Nordeste, extraímos alguns trechos que nos permitem discutir Gênero permanecendo próximas ao modo de falar, de ver, pensar, próximas à realidade das Mulheres *Sem Teto*, que fazem parte, tanto quanto as *Sem Terra*, de um setor da sociedade que luta pela redistribuição do capital imobiliário e da propriedade privada acumulados seja em mãos dos grandes latifundiários, seja em mãos do grande mercado de imóveis. Tais trechos seguem no parágrafo abaixo.

Em primeiro lugar, ao adentrar no universo das Representações de Gênero dentro do Movimento temos que nos perguntar: O que é Gênero? Há uma diferença entre o que é sexo e o que é Gênero? Sim. "Quando falamos em sexo estamos nos referindo aos aspectos físicos, biológicos de macho e fêmea, aquelas diferenças que estão nos nossos corpos e que não mudam radicalmente, apenas se desenvolvem de acordo com as etapas de nossas vidas." Já, o conceito de Gênero, "(..) se refere às pessoas e às relações entre os seres humanos", mas é a partir da observação e do conhecimento das diferenças sexuais que a sociedade cria idéias sobre o que é um homem, o que é uma mulher, o que é masculino e o que é feminino, ou seja, as chamadas representações [sociais] de gênero" ou identidades de gênero.

Não sendo naturais as relações de gênero legitimadas na sociedade capitalista moderna (e em outros tempos), na maioria das vezes o que é masculino tendo mais valor, de modo desigual a distribuição

[3] Primeiro levantamento feito por lideranças do MSTB, a partir de uma amostra de 4 (25%) ocupações, num universo de 16 ocupações. Apenas mulheres e homens adultos foram considerados, tendo sido a "pesquisa" feita sem o controle dos dados necessário para que possamos ter uma avaliação efetivamente científica. Se formos nos basear no "olhômetro" ou nas informações já fornecidas por outras pesquisas que dizem respeito à participação das mulheres na Luta pela Moradia, concluiremos que são elas as guerreiras da luta pela casa.

[4] "A luta pela moradia não é uma luta recente. É uma luta de longos anos, e a invisibilidade delas (as mulheres) como atrizes, sujeitos, é também antiga no processo." Zilmar da Silva, ao ser entrevistada em março de 2006.

de poder, autoridade e prestígio entre as pessoas sempre abriu espaço para "privilégios" em função do sexo das partes envolvidas. O fenômeno da supervalorização do papel do homem na sociedade nos faz entender que as relações de gênero são também relações de poder.

Em segundo lugar, temos que nos perguntar: Em que universo se dão essas relações sobre as quais estamos nos debruçando e sobre as quais a Mídia, por exemplo, constrói uma visão? Quem são os sujeitos (ou sujeitas) envolvida(o)s nas relações de gênero dentro do MSTB?? Toledo, 2001, nos diz:

> "Os meios de comunicação, a serviço da ideologia dominante, tratam de nos convencer de que isso são águas passadas; hoje em dia as mulheres são emancipadas, muitas ocupam altos cargos nas empresas, outras são deputadas ou prefeitas, Mulheres que venceram na vida!
>
> É verdade. Há mulheres que fizeram grandes conquistas neste século; fruto de uma luta árdua que o conjunto das mulheres vêm travando desde o século passado quando foram às ruas pela primeira vez para exigir um direito básico: o direito ao voto, que ainda não tinham, apesar de já deixarem os melhores anos de suas vidas nas fábricas insalubres do início da Revolução Industrial; nas indústrias têxteis, onde trabalhavam de 10 a 12 horas com água até os joelhos, porque as máquinas eram movidas à vapor. E, apesar de continuarem a ouvir a fábula de que nasceram para serem mães, eram obrigadas a abandonar os filhos à sua própria sorte para passar o dia inteiro na fábrica.
>
> Hoje, as mulheres estão em melhor situação. Isso é inegável. Mas esse é apenas um lado da moeda. Vendo a situação da mulher no conjunto, observamos a cada dia que, conforme o Capitalismo avança, a condição da mulher se agrava, e as que conseguem "vencer" dá para contar nos dedos; são cada vez menos diante das milhares e milhares que vivem uma situação degradante, marginalizados do processo produtivo da sociedade, oprimidas pelo medo, pela miséria e a violência, sobretudo nos países pobres da Ásia, África e América Latina, e nos países islâmicos."

Tais observações não se fecham num único tempo, num único espaço, num único grupo, pois podemos seguramente considerar que os aspectos levantados e argumentados por Toledo podem também ser os mesmos utilizados para caracterizar o perfil das mulheres que fazem parte do MSTB: marginalizadas, privadas da formalidade do mercado de trabalho e do processo produtivo da sociedade, obrigadas a deixar os seus filhos em casa para, na condição de chefas de família, ocuparem as esquinas do subemprego[5]. Uma questão é que elas são as maiores vítimas não apenas do déficit habitacional, mas do modo como a sociedade está organizada economicamente, politicamente, enfim, culturalmente; vítimas da Estrutura, do Estado e da própria Sociedade Civil.

"Mulheres negras, pobres, sem instrução, mal empregadas, mas que assumem para si uma tripla jornada de trabalho: o trabalho doméstico para sobrevivência material e o trabalho militante no Movimento. As mais pobres dos mais pobres, que entram no Movimento sem saber que vão fazer política; entram porque querem a casa, mas que descobrem ter que fazer política de modo organizado, diferente do modo espontaneísta como entraram. E aqui se localiza a contradição", diz Zilmar da Silva, feminista que acompanha o Trabalho de Mulheres do MSTB.

"Estando o mercado de trabalho organizado por sexo, o preço da mão-de-obra também irá variar conforme seja um homem ou uma mulher quem faz o serviço. A observação cotidiana nos mostra que são as mulheres quem recebem os salários mais baixos, é o trabalho delas que é desvalorizado (Camurça e

[5] Empregadas domésticas sem carteira assinada, catadoras de resíduos sólidos, vendedoras ambulantes, etc.

Gouveia, 2004)". No caso do Movimento, um agravante: a grande maioria das mulheres é negra, e as negras são as que recebem as remunerações mais baixas no Brasil[6].

Outra questão é que a participação feminina nas atividades de militância é maior do que a dos homens, o que as sobrecarrega, pois ainda existem as tarefas de casa, e todos sabem que culturalmente nos é ensinado que "(...) as atividades de cuidar das crianças e das pessoas mais velhas, preparar a comida, cuidar da casa, das roupas, dar educação, é sempre um trabalho feito pelas mulheres. Ou seja, o trabalho doméstico é sempre responsabilidade de nós, mulheres.[7]" E a Mídia tende a reforçar a responsabilidade que tem o ingresso e a permanência de cada uma no próprio Movimento; tanto para a formação de sua própria identidade materna quanto para a re-estruturação da vida intra-familiar; tarefas que lhes são exigidas socialmente, o que a partir de suas falas é possível perceber.

2/9/03
Fui obrigada a devolver a casa onde morava e agora mesmo tenho esperança de conseguir um lar para mim e meus filhos.

4/9/03
Estou pagando R$ 150,00 de aluguel e não consigo ganhar mais de R$ 250,00 por mês.

20/9/03
Não pude fazer nada e quando disse que não ia sair, pois não tinha onde ficar, eles começaram a derrubar tudo.

25/9/03
Meu marido teve derrame e não temos onde morar. Vivíamos de favor na casa de uma tia dele, que agora pediu o imóvel para reformar.

26/9/03
Agora queremos que as pessoas nos ajudem, doando o que podem, principalmente para as crianças.

29/9/03
Tive 32 filhos, mas 13 morreram. Eu gosto de andar lorde. Me arrumo direito, pego a minha bolsa e quando vejo uma latinha na chão pego e guardo. Deus não joga nada do céu.

1/10/03
Esperamos uma vida melhor lá, com saúde e escola para os meninos. Sou solteira estou desempregada e parei de estudar no 1º ano do 2º grau.

22/10/03
Eu estou aqui para ajudar a minha filha Márcia Silva Santos, que tem três filhos, de 11, 10 e 9 anos, é separada do marido e esta desempregada. Não tem onde mora!

Todavia, se a participação das mulheres é mais elevada no Movimento e elas executam tarefas importantes para sustentação da luta que extrapolam o âmbito interno e doméstico de atuação, tendo assumido papéis liderança não apenas do lar, mas da ocupação e do próprio Movimento, desenhando assim a sua atuação também no espaço público, é importante para a legitimação da transformação cultural pela qual elas passam que a discussão sobre gênero no MSTB seja proposta visando a necessidade de aplacar um dos problemas mais comuns à libertação/emancipação feminina[8] quando refletimos sobre a organização e direção política dos Movimentos Sociais: a constante permanência da força feminina no anonimato. Ana Maria Mozzoni, promotora feminista que vanguardeou a proposta de

[6] Caderno *Gênero e Raça: Desafios à Escola*, Mary Garcia Castro, 2006. Material elaborado pela Secretaria de Educação de Salvador para auxiliar as professoras e professores na implementação da Lei nº 10.639/03, da Presidência da República (Parecer nº 003/04 e a Resolução nº 1/04), que prevê a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador. Os dados utilizados no texto sobre a relação do mercado de trabalho com a mulher negra foram divulgados pela Rede Feminista de Saúde no "Dossiê Assimetrias Raciais no Brasil: alerta para elaboração de Políticas".
[7] CAMURÇA, Silvia, GOUVEIA, Taciana. "O que é Gênero". 4ºed, Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia, 2004.
[8] O mais falado pelas mulheres é a violência física contra as elas. Muitas não têm consciência de que restrinção obrigatória à vida doméstica é uma violência, o cárcere privado, a constante tentativa de invisibilidade, sufocamento e manutenção de anonimato de voz é crime.

inserir a questão feminina na Itália pós-unitária, entre os anos de 1864 e 1920, ao apresentar a introdução do livro *A Servidão das Mulheres* de J. Stuart Mill, criticou "(...) a concepção patriarcal apontando que a mulher deveria ser considerada em relação à sociedade e não apenas na família"[9].

Segundo Paola Capellin (1994), Mozzoni lutou pelo direito ao voto das mulheres, pela Reforma Educacional e pela defesa do acesso das mulheres às profissões e empregos[10]. A referência feita às lutas encampadas nos séculos passados e nesse século nos servem para mais uma vez tentarmos enfraquecer esse corriqueiro hábito social, comum também nos Sem Tetos, de cercear, "aprisionar" as mulheres nos espaços "invisíveis", no núcleo familiar, no trabalho doméstico, "dentro das quatro paredes", ainda que seja ela a que mais participa no organização social e política do próprio MSTB; universo onde a condição fragilizada da mulher e a supremacia do homem, mais uma vez nos são apresentados como naturais, quando, na verdade, são fruto de uma construção social executada com um objetivo de opressão e controles claros: o objetivo da mais-valia, como confirma Zilmar Silva. O Capitalismo sai "como grande vitorioso e se apropria da desvalorização da mulher, da mulher negra [principalmente], para justificar os baixos salários que vão garantir a ele suas grandes margens de lucro no acúmulo de capital." "O Bloco histórico deve ser considerado como ponto de partida de uma análise da maneira como um sistema de valores culturais edifica um sistema social (Portelli, 1977)".

Nas ocupações a maioria é constituída de mulheres: na condição de moradoras, a maioria, todavia muitas em coordenação local. Na coordenação geral (municipais e estadual), 13 mulheres (46,4 %) e 15 homens (53,6%), essa desproporcionalidade, ainda que mais tênue, continua. O problema é que é justamente nestas instâncias de direção, onde as polêmicas sobre posições políticas do Movimento são tratadas e decisões são tomadas, é que a contradição mais se instala: o número de mulheres não apenas é inferior ao número de homens, também sendo desproporcional ao contingente mulheril do MSTB como um todo[11].

Percebemos que não há uma correlação de forças equilibrada nas instâncias de direção geral, estando, as decisões tomadas, centradas num fórum onde a divisão eqüitativa e/ou proporcional de poder é realidade a ser conquistada. Entretanto, se a visão dos homens da direção do movimento fosse mais sensível à questão de gênero, compreendendo a necessidade de emancipação da mulher e de que esta depende, para legitimar a sua liderança, da visibilidade no papel de "protagonista" de suas conquistas (já que é necessário construir imagens e opiniões), seria possível equilibrar mais as forças feminina e masculina, ainda que não houvesse uma repartição do poder totalmente eqüitativa; mas isso também não é uma realidade presente nesse espaço de luta.

---

[9] CAPELLIN, Paola. *Viver o Sindicalismo no Feminino*, Revista de Estudos Feministas (Nº especial). Rio de Janeiro: CIEC. 1994. P. 271 – 290.

[10] Ibdem.

[11] No MSTB esse fenômeno é reflexo de um universo muito maior, e exemplo, a lei política de cotas (Lei nº 9.504), que estabelece que as listas partidárias apresentem, no máximo, 70% e, no mínimo, 30% de candidaturas para cada sexo. Mas as candidatas que foram apresentadas serviram muito mais como laranjas e não eram apoiadas efetivamente nas campanhas. O resultado foi que, dos 51.808 vereadores eleitos no país, apenas 6.556 são vereadoras, o que significa que a média nacional de mulheres ocupando o cargo de vereadora é só de 12,6%, enquanto os homens chegam a 87,4%. O Nordeste se coloca acima da média nacional, com 14,63%, o que corresponde a 2.420 vereadoras eleitas na região, em 2004. Informação coletadas no Boletim do Centro de Informação, Pesquisa e Comunicação da Mulher – Ano 1- nº 1, Abril/Julho – 2005.

"O avanço só vai acontecer quando os homens entenderem que o trabalho doméstico não é algo que diz respeito somente às mulheres. Há uma tripla jornada de trabalho: trabalho doméstico, trabalho extra-casa e trabalho militante; o que enfraquece a luta, pois elas tendem a secundarizar o trabalho militante em lugar do doméstico. Havendo divisão, as mulheres estão mais livres para fazer a luta[12]" Se eles compreendessem a importância da referência na capacidade política e na força feminina para impulsionar a grande maioria (de mulheres) do MSTB a uma elevação do nível de consciência, teríamos como resultado um processo educativo que se desse por meio da "influência" dessas "intelectuais" [levando em consideração que, segundo Gramsci, toda liderança é um(a) intelectual na medida que desenvolve um papel sócio-educativo em relação à base].

"A mulher continua no espaço privado; [condição reafirmada pelos meios de comunicação] aquela que vai esperar que as lideranças masculinas façam a articulação para conseguir as casas, e elas vão ficar como apoio. Dentro desse modelo não há ruptura com o modelo tradicional"[13]. De que modo construir referências revolucionárias que contribuam para o rompimento com o Patriarcalismo se no interior das instâncias de direção as decisões pendem para um olhar ignorante em relação à problemática de gênero?

Não seriam elas, as mulheres, as mais prejudicadas quando desanda a "ordem" dentro do Movimento? Se são elas a maioria, como não serem as mais atingidas? Não seria um tipo perverso de violência desconsiderar que mulheres negras – historicamente mais oprimidas do que as de pele branca – a são a grande maioria do Movimento e também as que mais sofrem e também as que mais precisam falar e ser ouvidas? E que os seus problemas não apenas se restringem a "a necessidade desesperada pela casa"[14]? Não seria um tipo de violência contribuir para a invisibilidade das outras tantas demandas, como, por exemplo, a necessidade de mais participação política para o seu avanço??? Não seria um tipo de violência contribuir para a invisibilidade da situação da mulher como resultado de um conjunto de exclusões??

Até mesmo as lideranças masculinas que mais têm representado os *Sem Teto* no veículo de Comunicação aqui mapeado "apontam o dedo" sobre um problema estrutural nas relações de gênero –a cultura política machista de construção da luta. "Há um processo histórico de opressão e submissão da mulher, colocada sempre em segundo plano; há menos participação política, elas foram condicionadas a ficarem mais restritas ao lar, mas isso está mudando, pois elas estão conquistando o mercado de trabalho, a participação política...", analisa, a liderança ♂1. Já a liderança ♂2, perguntado sobre a relação da visibilidade (ou invisibilidade) das mulheres do movimento na mídia com a sua participação no Movimento, diz "Percebo uma contradição. Elas são maioria, mas do ponto de vista da maioria, deixa a desejar. Talvez por conta do centralismo ou da centralização (dos homens), ou até mesmo por causa da timidez[15] das mulheres. Ora sim, ora não."

---

[12] Zilmar da Silva, entrevista em março de 2006.
[13] Ibdem.
[14] Existe o problema do desemprego, dos baixos salários, da falta de infra-estrutura nos bairros (falta de creche, postos de sáude, transporte, escolas, saneamento básico, etc), da ausência de paridade nas instâncias de decisão, da negação de setores reacionários da sociedade da legalização do aborto, etc.
[15] "A timidez, o medo, o nervosismo das mulheres nas atividades políticas não são um problema de sexo, mas uma questão de gênero" (Camurça e Gouveia, 2004).

Concordamos com a percepção sobre os problemas que obstaculizam a emancipação das mulheres citada na fala das lideranças ♂, mas também consideramos que o olhar de quem faz a cobertura é também importante ser "pesado". Numa matéria divulgada na Revista Caros Amigos – 12/2005, intitulada "A 'revitalização 'que degrada", a jornalista Natalia Viana com um sensível corte de gênero consegue dar "visibilidade" às mulheres que dirigem a ocupação. Um dos dados fornecidos pela autora é que muitas delas vieram para a luta sem saber o que esta era. Aí dentro, de dentro, se desenvolveram e viraram referências. "Jomarina é matriarca do andar, ou melhor, do prédio. Coordenadora do MSTC[16], é quem acompanha as notícias de despejos, tenta contato com a prefeitura e com a Polícia, ajuda a organizar passeatas e atos políticos."

Apresentando sua insatisfação em relação à postura das lideranças ♂ do MSTB, uma liderança ♀1, fala: "Quem mais aparece são os homens, porque eles não dão espaço para as mulheres aparecerem, crescerem. Sempre que há entrevistas, eles aparecem. E muitas delas (as mulheres) por não terem formação política recuam, mas não por falta de oportunidade de aparecer (na mídia), pois ela existe (a mídia sempre cobre o Movimento). As mulheres não aparecem por causa da disputa com os homens. As mulheres fazem o trabalho de base, a exemplo de mim, que na CONDER[17] fiquei a noite toda inteira, e na hora foram eles que apareceram." Há uma insatisfação em relação ao companheiros do MSTB, todavia nenhuma queixa se apresenta em relação à Mídia.

Para a liderança ♂1, a Imprensa quando "faz alguma matéria ou cobre atividades do Movimento prioriza a entrevistas com as mulheres, principalmente aquelas que têm o maior número de filhos . A mídia televisiva cobre mais, pois elas simbolizam muito mais a problemática do lar do que os homens. Ela é que cuida dos filhos, sente mais necessidade de um lar, de uma casa. Quando a imprensa vai cobrir posições mais gerais do Movimento, buscando a coordenação, procura, infelizmente, se depara mais com os homens; procura mais os homens; eles têm mais se destacado."

A pergunta é: por que eles têm mais se destacado? Por que a Mídia sempre busca representar a figura feminina dentro do Movimento através da mais miserável dentre as miseráveis?! E aquelas que têm questões da política a serem ditas, que se tornaram lideranças e dirigem o Movimento e que agem como referência para as demais?? O caso da liderança ♀1 é emblemático para ilustrar fatos que justificam os nossos questionamentos.

A discussão sobre um projeto político-pedagógico alicerçado sobre o tripé de princípios participação autônoma/ democratização das relações de gênero/ emancipação é necessária para o desenvolvimento de uma proposta sócio-educativa que dê condições a seus sujeitos de elaborarem uma cultura que realmente legitime e favoreça a da participação das mulheres na luta pela moradia dentro do coletivo *Sem Teto*. Se considerarmos que o problema da omissão, da invisibilidade é um problema de representação, penso que tanto no sentido das relações internas quanto externas, o MSTB deve

[16] Movimento de Sem-Teto do Centro.

[17] A liderança ♂1 reclama que na Mobilização feita na porta da CONDER (órgão da Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Bahia) , em 8/ 02/06, com o propósito de pressionar o órgão para a urgente construção das casas do KM 12/ Estrada Velha do Aeroporto, os homens tomaram a mídia não levando em consideração que foi ela quem esteve durante toda noite acompanhando o grupo que ocupou a frente do órgão, e que, por isso, talvez tivesse mais condições de dar informações sobre as demandas do grupo.

estruturar-se sobre "um projeto de sociedade onde a imagem do homem enquanto cidadão [não se configure] com pretensão universal (CAPELLIN, 1994)."

É sobre a suposta pretensão universal da imagem do "homem do MSTB" dentro e fora dele, possível pretensão de "hegemonia" masculina que se manifesta não apenas nos micro-espaços de poder (a exemplo da vida intrafamiliar), mas que também comumente está nos espaços públicos de visibilidade midiática (que por sua vez competem para a formação de uma opinião pública favorável às mulheres do movimento, para um fortalecimento ou não da subjetividade feminina e dos seus referenciais) que nos debruçamos nesse texto.

Aspectos que nos possibilitem refletir com mais profundidade sobre as questões apresentadas são nosso foco. Representação social de gênero, representatividade, visibilidade feminina, participação política, diferenças de gênero, construção de referências femininas são "aspectos [que] conferem concretude à Política: a política tanto no sentido de relações internas que legitimam (sic) a representação, quanto de relações com o externo, evidenciando assim os vínculos entre a sociedade civil e a sociedade política (CAPELLIN, 1994). A visibilidade da "mulher no movimento", da "Guerreira Sem Teto", dá espaço à construção de novas referências, "(...) um elemento básico na forma como as relações de gênero se organizam e se mantêm nas sociedades, pois neles está representada a tradição de cada uma (CAMURÇA, GOUVEIA, 2004)".

## Uma tímida discussão sobre a influência da Mídia como agente de reforço ou de mudança no que diz respeito às relações de gênero dentro do MSTB

A problematização dentro desse espectro é a sustentação de que a invisibilidade de lideranças femininas portadoras de um discurso estrutural-político na mídia que cobre o MSTB e, em detrimento delas, uma recorrente aparição de lideranças masculinas representando a direção política do movimento, tem um impacto reforçador da cultura machista na base e na direção do grupo e isso pouco contribui para o fortalecimento do papel, da imagem e do poder político da mulher dentro do próprio movimento e, por conseguinte, para a afirmação da figura feminina[18] discutida e idealizada pelo trabalho de mulheres desenvolvido dentro do mesmo – o que na disputa contra-hegemônica atua como fator agente de reforço da cultura patriarcal burguesa. "O patriarcado pode, por exemplo, ser pensado como um dos esquemas de dominação-exploração componentes de uma simbiose da qual participam também o modo de produção e o racismo (SAFFIOTI, 1992)."

Há um interesse do MSTB por sua visibilidade na mídia, pois é sabido pelas lideranças que "(...) o efeito típico das comunicações coletivas é reforçador (Klapper, s.d.)". Ora, se é real que o Movimento busca formar uma Opinião Pública através de suas iniciativas com conseqüente – e necessário – apoio da cobertura da Mídia, é também real que o Movimento espera estimular, incitar os seus integrantes para a

[18] Guerreiras Sem Teto inspiradas em Zeferina, Luiza Main, Olga Benário, Maria Bonita, Dada, etc.

luta, reforçar a sua ideologia, simbologia e resistência através da sua constante "aparição", seja na Internet, na televisão, Imprensa impressa ou na fala de seus representantes em algum veículo radiofônico.

Considerando que, estando as pessoas que à Mídia estão expostas, sujeitas, segundo pesquisa feita na área de Comunicação, (Klapper, s.d.) a lembrarem mais do material que apóia suas idéias do que daquele que as ataca, podemos supor que a cultura machista hoje enraizada no MSTB tem suporte na predominância da visibilidade e da afirmação da supremacia política masculina construída a partir dos meios de comunicação. A partir daí os homens *Sem Tetos* podem ser ver como "as lideranças", e as mulheres, os ver como "as referências", o que nos leva a fazer a seguinte pergunta-eixo: qual o impacto do reforço dado pela presença constante de lideranças masculinas do Movimento na mídia quando o assunto é a questão de gênero?

Quem são as vozes que representam o MSTB?[19] Qual o conteúdo, ou conteúdos, do discurso, ou discursos, formulados? Qual o impacto destes discursos para a afirmação da diversidade existente no Movimento? E para a afirmação da igualdade? Através das falas dos "representantes políticos"[20] legitimados pelo veículo de comunicação em foco para representarem o poder político do MSTB, não é possível perceber as peculiaridades do grupo e ao mesmo tempo a diversidade dos vários setores dentro do Movimento organizados. Bem, se isso acontece ou não acontece, em que medida isso tem impacto à força política das mulheres dentro do Movimento e à libertação destas da condição de oprimidas?

Ao fazermos um levantamento nas matérias do *A Tarde* acerca do "sexo" das falas e do conteúdo destas, no ano de 2003, encontramos um universo muito espinhoso em relação às diferenças de gênero. "Revirando" as mesmas matérias, percebemos que em relação aos homens, quando falam e quando são citados, o conteúdo das informações gira mais em torno das questões gerais, que dizem respeito ao perfil e normas[21] do Movimento, estratégias, táticas, ações mobilizatórias e posições políticas do grupo. Dois tipos de conteúdo de falas e citações são percebidos no material coletado[22]. Um, o conteúdo que acaba de ser descrito, definido como *estrutural-político*, e o outro, normalmente presente na fala que a mídia cobre das mulheres, que concerne a questões mais específicas, que, tendem a ser utilizados para suprir a riqueza de dados necessária à matéria e como um espécie de assessório às informações fornecidas pelos homens lideranças, está definido como *assessório-específico*.

Um exemplo disso são falas emblemáticas (situadas na penúltima semana do mês de agosto, período em que foi criado o Movimento) que nos possibilitam comparar os dois tipos de conteúdos e comprovar o "fenômeno da invisibilidade" do poder e da capacidade política das mulheres nos dão uma idéia desse "antagonismo":

---

[19] É importante salientar que houve "conversas de pé de ouvido" e Encontros entre mulheres em ocupações onde o objetivo primeiro era discutir o papel da mulher socialmente construído e o dela dentro do Movimento. Tais momentos também nos possibilitaram na avaliação feita nesse artigo verificar a diferença do conteúdo das falas e sua importância "estrutural" ou "assessória" para a definição das posições políticas do Movimento e para o reforço do seu Projeto Político-pedagógico, que, a nosso ver, se propõe democrático, mas ainda sinala muito de patriarcal. Aqui quando falamos de "estrutural", falamos de uma política mais geral, que pensa o todo, mas ressaltamos também que o "assessório", no que diz respeito ao conteúdo das falas, trata sobre especificidades que são fundamentais para pensar a política mais geral, todavia restringir-se a isso é decretar eterna "moradia" no espaço privado das discussões.

[20] Os que têm as falas estrutural-políticas.

[21] "As normas e valores também têm um papel muito importante nas relações de gênero, elas dizem não só o que devemos ou não fazer, separando o que é de mulher e o que é de homem, mas também valorizam, de maneira diferenciada, as pessoas e as ações." " (Camurça e Gouveia, 2004).

[22] Ver anexo ao texto quadro de conteúdo de falas, respectivos oradores, seus sexos, datas, etc. As falas acima citadas são correspondentes a cada data apresentada, e cada data situa uma matéria feita, o que nos permite ver que em determinada matéria o número de falas mais gerais é proporcionalmente direta ao número de falas masculinas.

**Jornal do dia 20/08/2003**
"Estamos organizados e temos mais de três mil pessoas dispostas a ocupar prédios vazios, conjuntos habitacionais e terrenos em toda cidade" (homem) – **estrutural-política** (diz respeito a ações que demarcam a posição do Movimento diante da crise de moradia)

**Jornal do dia 21/08/2003**
"Assim como a Polícia tem sua estratégia de acompanhar os nossos movimentos, temos também as nossas estratégias para as nossas ocupações" (dois homens) – **estrutural-política** (que diz respeito a uma das estratégias de ação do Movimento)

"São pessoas que moram de favor ou pagam aluguel, e que estão dispostas a lutar por moradia" (dois homens) – **estrutural-política** (que diz respeito ao perfil dos integrantes do MSTB, sendo uma fala que fala pelo todo)

"Para a gente não importa a distância, importa é conseguir o nosso objetivo, que é a casa" (mulher) – **assessório-específico** (diz respeito à especificidade da luta, que é a casa; mas nasce nela, só que nela não se encerra)

**Jornal do dia 22/08/2003**
**"**Não obtivemos nada de concreto, por isso, já a partir de hoje, podemos decidir criar um movimento de ocupação de imóveis na cidade" (homem) – **estrutural-política** (diz respeito a tomada de decisão do coletivo)

"Vou até o fim. Se Deus quiser vou conseguir o meu objetivo, que é uma casinha para morar" (mulher) – **assessório-específico** (mais uma vez, a casa como centro de tudo, não levando em consideração o papel político do Movimento)

**Jornal do dia 25/08/2003**
"Vamos dar prioridade a quem estava na passeata (*no dia 21 de agosto*) e quem vem participando de todas as reuniões" (mulher) – **estrutural-política (primeira fala política anunciada por uma mulher** desde a primeira data de cobertura, em 20 de agosto de 2003, e que diz respeito a um princípio do Movimento, o da participação)

Quando foi feito o levantamento de um total de 114 falas em 49 coberturas do Jornal A Tarde ao dia-a-dia e às ações do Movimento, durante o período do dia 20/08/2003 a 27/01/2004, foi detectado que um total de 65 (0,57%) falas foram político-estruturais pronunciadas por homens, ficando um total de 18 (0,15%) por eles pronunciadas na categoria de assessório-específicas. Ora, se 57 (0,50%) falas estão na categoria assessório-específicas, é claro que a diferença, 39 (0,34%) falas assessório-específicas foram pronunciadas por mulheres. Em compensação, apenas um total de 18 (0,15%) falas político-estruturais pronunciadas por elas.

Qual razão para a diferença no conteúdo e para *abrangência* dos discursos? A essa pergunta, o próprio Movimento Feminista já tem resposta, uma resposta alicerçada na própria história do mundo, que sempre relegou a mulher ao universo doméstico das "particuliaridades" e ao homem possibilitou um desbravar das questões mais gerais do mundo público, o mundo da Política. Tal conhecimento é, inclusive, sabido pelas lideranças homens do MSTB.

A liderança ♂1: "Infelizmente os homens têm um tempo maior de militância e isso facilita uma leitura mais global, o que interessa à Imprensa. Não é porque é homem, é porque tem mais experiência. Se fosse uma mulher era a mesma coisa. A Imprensa procura que formula mais, quem tem ascensão. A Imprensa não procura porque é homem ou porque é mulher, procura as pessoas que passam as informações e posições do Movimento de modo mais completo." E em outro momento, "O Trabalho de Gênero se faz independente da participação da Mídia. O movimento tem a responsabilidade de fazer a formação para a elevação do nível intelectual das mulheres. (...) Para o imaginário feminino a presença na Mídia altera a auto-estima da mulher e isso tem reflexo direto na subjetividade da mulher, na forma de organização... que não é só para as mulheres, para os negros, é para todos de um modo geral(...) O Trabalho de Gênero é importante dentro do Movimento, para as mulheres adquirirem fortaleza e resolver

os seus problemas. As mulheres se organizando têm mais condições de resolver os problemas." A liderança ♂2 apresenta a "invisibilidade" das mulheres na Mídia como uma contradição, pois as mulheres são, afinal, 67,5%. "Quando as mulheres aprenderem a questionar suas lideranças, poderá ajudar a superar as contradições", diz ele.

Todavia, ainda que haja uma limitação a nível da formação política, e que esse seja um problema detectado tanto por homens quanto por mulheres, assim como diz uma das lideranças homem, *"acho que tem uma cultura não apenas no Movimento, mas isso é parte da sociedade capitalista, machista, secundariza as mulheres..."*. A Impressa e seus interlocutores não estão "isentos" de servirem ao projeto patriarcal burguês da sociedade capitalista...

E por isso, tem outras perguntas que cabem mais a nós tentar achar respostas. Qual o impacto da imagem do Movimento criada, voluntariamente ou não, pela Mídia para o próprio Movimento? E se cruzarmos 1–a visibilidade do Movimento na Mídia com 2–a visibilidade do poder político das mulheres, 3 –o nível de politização das mulheres do Movimento, 4 –a predominância na Mídia da representação política do Movimento construída a partir da falas dos homens e 5–a importância desse cruzamento para a construção do imaginário das próprias mulheres e, conseqüentemente, para o Trabalho de Mulheres??

Kappler (s.d.) diz: "Pessoas que vivem com outras pessoas dentro de instituições sociais. Cada uma dessas pessoas sofreu e continua a sofrer numerosas influências além das comunicações coletivas. Com exceção das criancinhas, todas freqüentaram escolas, igrejas; ouviram professores, pregadores, amigos e colegas, e falaram com eles. Leram livros e revistas. Todas, inclusive as criancinhas, pertencem a um grupo de família. Tais influências condicionaram a formação de suas opiniões sobre numerosos assuntos e a constituição de um conjunto de apreços e tendências de comportamento.[23]"

Ao nos darmos conta dessa "sentença" aplicada à realidade das *Sem Teto*, os caminhos nos levam a inferir que o que se absorve são sentimentos ligados à satisfação ou não a respeito das vitórias do Movimento no plano mais geral, onde a referência para a conquista das vitórias ao invés de serem elas, em maior número, permanece estacionada na figura "do homem" e, ao contrário, a "face mulher" do movimento permanece sem poder na voz e a visibilidade de sua capacidade intelectual, política e de liderança, em conseqüência, é mantida situada no "silêncio comum da massa". A Mídia difunde e reflete os valores e interesses dessa sociedade que "coisifica" as mulheres e defende autoridade aos homens como os "mais capazes" gestores.

A cultura machista das relações dentro e fora do coletivo, a ausência do mundo da Política na formação e educação da maioria das mulheres (principalmente aquelas que são dos setores populares, em sua grande maioria negras, com nível intelectual baixo e desempregadas, condicionadas a viverem à margem das discussões políticas), o convívio das mulheres em relações restritas ao universo doméstico, a falta de um Trabalho de Mulheres ainda mais orgânico no movimento, as histórias de vida pessoal, as culturas várias (aspectos como a religiosidade) e outros mais são fatores que catalisam o efeito reforçador

[23] Klapper, págs. 64-65.

da mídia (e, por conseguinte, da representação das falas de direção do Movimento dando-se através de vozes masculinas) para uma cultura patriarcal.

Há uma tentativa de um condicionamento, que é histórico, para que as mulheres se mantenham na condição de "dominadas"; há a construção de um condicionamento (involuntário ou não) por parte do modo como está sendo dirigido o movimento, há um reforço de uma hegemonia patriarcal quando na "aparição" de um *Movimento homem* na mídia, há uma omissão e passividade das mulheres e, por fim, há um círculo vicioso para que se mantenha esse condicionamento. E no que diz respeito à construção de uma identidade coletiva libertária das mulheres ou de cada "subjetividade do MSTB[24]", inúmeros agentes reforçadores "remam" rumo contrário ao que o Trabalho de Mulheres do movimento tenta construir.

Portelli (1977) diz que "um dos aspectos essenciais da sociedade civil consiste em sua articulação interna, isto é, em sua organização, através da qual a classe dirigente *(pode ou não) difundir*[25] sua Ideologia.[26]" Rubim (1996) num texto sobre Recursos midiáticos e as táticas do EZLN[27] apresenta a significação política da mídia para a construção da luta contra-hegemônica e nos incita a fazer uma interpretação acerca da sua intervenção político-comunicacional. Os recursos midiáticos cuja capacidade têm de contribuir para a construção da ideologia e da simbologia são instrumentos de propagação de determinada cultura, no exemplo apresentado pelo teórico, a cultura dos neozapatistas, que avançam não apenas no fortalecimento de sua identidade coletiva como também ampliam e robustecem a Opinião Pública a seu favor.

Esse canal de difusão de ideologia, a Mídia (que pode servir aos dominantes ou aos dominados – a hegemônica ou a contra-hegemônica), é um espaço a ser conquistado pelas *Guerreiras Sem Teto*. A disputa ideológica contra-hegemônica necessária deve ser feita, como acima aponta Portelli, a partir da articulação e organização dos setores "dominados" e, sobretudo no mundo Moderno[28], é essencial que seja feita por meio da utilização das vantagens que a Imprensa nos provém.

As disputas de gênero internas ao Movimento devem partir, sim, do trabalho orgânico nele desenvolvido, todavia se a projeção das mudanças e das demandas dele e a partir dele provindas não forem socializadas com um universo maior que não apenas o das mulheres do próprio Movimento, não alcançando a compreensão dos homens *Sem Teto*[29] e de toda a Sociedade Civil[30] que a ele assiste, a visibilidade necessária para que as referências em outras mulheres e a inspiração em suas "vozes políticas" deixe de ser uma experiência pessoal para tornar-se uma experiência do coletivo não poderá acontecer. Poderá até auxiliar na libertação de algumas mulheres, mas nunca na formação de uma identidade libertária realmente coletiva – uma identidade MULHER. E para isso é necessário que uma

[24] Considerando que cada sujeito do Movimento é uma face da sua subjetividade.
[25] Grifo nosso.
[26] PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
[27] Exército Zapatista de Libertação Nacional.
[28] Vide a importância da Mídia na Modernidade em Jorge Almeida (2004).
[29] "(...) para as relações de gênero é fundamental que os homens comecem também a participar e se sentirem responsáveis pelas tarefas do dia a dia de sua família, filhos e filhas, pais e mães." (Camurça e Gouveia, 2004)
[30] "A sociedade civil é o verdadeiro centro, o verdadeiro palco de teatro de toda História (...). http://www.geocities.com/gramsci_uni/textoigor.html

nova “ideologia [seja] disseminada e adaptada a todo o corpo social e onde estão as organizações e canais de difusão dessa ideologia[31].”

Almeida (2004) aponta que “Também é fundamental considerar as contribuições de autores que aprofundaram a questão da cultura, da mídia, da recepção e das mediações. É neste sentido que Raymond Williams (1979) retrabalha o conceito grasmciano, reforçando a compreensão de que a hegemonia não é apenas uma dominação, controle, doutrinação ou uma manipulação ou imposição ideológica, mas sim uma “cultura”. Por outro lado, a hegemonia não é algo estático, absoluto e unilateral. Na medida em que está disseminada na atividade pública ou privada, no trabalho e no lazer, no entretenimento ou na arte, em toda vida econômica e social, a cultura hegemônica está em contato permanente com outras culturas residuais, resistentes ou emergentes, ou seja, contra-hegemônico ou alternativo. Assim, uma hegemonia não é apenas um processo cultural incorporativo, adaptativo ou extensivo, mas sim contraditório e, em determinadas condições, passível de rupturas sociais e institucionais”. É re-valorizando o conceito de hegemonia, entendendo-o como um processo cultural conflitante, onde permanentemente forças antagônicas estão presentes na arena política apresentando as suas contradições, é que questionamos não apenas as vozes masculinas que representam o poder no Movimento, mas, sobretudo, as femininas, que exercem papel de dirigentes, que formam, que são “intelectuais populares” (no sentido de grasmciano), mas que não o legitimam, amortecidas no condicionamento “imposto”.

Cremos ser fundamental estimular as lideranças que hoje desenvolvem o Trabalho de Mulheres no MSTB[32] a uma prática constante de discutir o papel político da mulher nos *Sem Teto*[33], e na sociedade, e a (re)produção desse papel por meio da sua exposição midiática, afinal “fazer ação política é transformar um problema particular e privado em problema público e coletivo” (Camurça e Gouveia, 2004). A compreensão da necessidade de iniciativas para a reivindicação no espaço midiático da exposição de suas capacidades intelectuais e de liderança (não apenas as capacidades de sofrer e pedir, como representa a Imprensa, mas o processo de transformação decorrente da luta, pois, segundo Camurça e Gouveia, “as mulheres ao fazerem política estão transformando as relações de gênero, já que, tradicionalmente, não se espera isso delas”) é fundamental para fazer a disputa contra-hegemônica dentro dos espaços políticos dentro e/ou fora do Movimento.

Para as mediações culturais, sociais e políticas o papel da Mídia chega a ser estrutural na Modernidade, pois a função de criar, reproduzir, transmitir, mensagens hoje não mais tem um cunho apenas ideológico, mas principalmente mercadológico, o que a permite poderes ainda maiores do que apenas mediar a recepção e (re)produção de informações entre ela mesma e os seus receptores. Esse é mais um, e dos mais fortes, aspectos que a tornam tão importante para a realização da disputa num mundo capitalista como o nosso. A Mídia, instrumento de difusão de ideologia, tem um papel fundamental

[31] Ver Gramsci em Portelli.

[32] Os critérios para entrevistar as lideranças foram: a) para as mulheres, 1-a antiguidade daqueles que participam da luta desde a ocupação do primeiro e 2-a participação no trabalho de mulheres. b) para os homens, 1- a antiguidade e 2 -a predominância de sua imagem na Mídia representando “politicamente” o Movimento.

[33] E do homem também, pois o Trabalho se propõe a discutir a questão de gênero (ambos sexos), classe, raça/etnia e geração..

no seio do Bloco Histórico de propagar em todas as camadas sociais a ideologia dominante para vincula-las à classe dirigente. "A Mídia sempre esteve a favor do poder[34]", diz Mino Carta, em entrevista a Revista Caros Amigos, em 2005.

Quando localizamos os problemas de maior dimensão às mulheres do MSTB, são muitos, mas pensamos também que nada se compara à invisibilidade do poder das ações políticas das mulheres, problema também detectado pelas pequenas produtoras rurais que lutam pela Reforma Agrária na relação com as agências de financiamento e órgãos gestores: "no INCRA, nos bancos, que preferem negociar com os homens (Camurça e Gouveia, 2004).

A diversidade dos problemas pelas *Sem Teto* levantados em encontros de mulheres, que não se restringem apenas a reclamar "que (*quer*) é uma casinha para morar"[35]; não está presente em muitas falas, falas estas que também não demonstram, em sua grande maioria, a resistência e a fortaleza dessas mulheres guerreiras; falas que parecem no mosaico do texto referendar, como uma espécie de "assessório", o discurso manifestado pelos porta-vozes homens; falas que não deixam claro que a LUTA PELA MORADIA É UMA LUTA HISTORICAMENTE ENCAMPADA PELAS MULHERES e que são elas o sustentáculo do Movimento dos Sem Teto.

O sentimento de insatisfação em relação à limitação a essa invisibilidade é presente na fala da ♀1, coordenadora estadual, que também faz o Trabalho de Mulheres: "Nós, mulheres, fazemos o trabalho de base e eles, os homens, nunca comentam ou relacionam nas entrevistas o trabalho (de mulheres e de organização geral do Movimento) que nós fazemos." E noutro momento ela ainda nos coloca: "Nós, mulheres, dirigimos os acampamentos[36] e quem aparece são eles (os homens). Se nós tivéssemos mais o apoio dos companheiros, que se dizem não ser machistas, teríamos mais condições de desenvolver o Trabalho de Mulheres no MSTB." No diálogo, ela menciona faltar às mulheres a formação política que têm alguns dos porta-vozes homens, mas queixa-se de que é ausente neles uma disposição para "ceder" o lugar da fala, já que uma queixa outra é que mesmo que a Imprensa sempre apareça procurando aqueles que desde do início sempre se colocaram no papel de porta-vozes, eles, os homens, estão sempre disputando a sua visibilidade na Mídia, nunca abrindo espaço para novas porta-vozes.

"(...) Conjugar ao feminino o princípio da representação enquanto mecanismo pelo qual as mulheres se legitimam na dinâmica do poder; e a ação de representar enquanto mediação que leva para a prática política os problemas da valorização da diferença de gênero[37]" pode, e deve, nortear a prática política dos sujeitos que se propõem a construir projetos que ponham em xeque os valores burgueses da cultura patriarcal hegemônica (ver simbiose patriarcado-racismo-capitalismo em Saffiote, 1992).

---

[34] Poder do homem branco burguês.

[35] E nesse sentido pensamos perecer (sem um estudo mais aprofundado, quase como uma observação irresponsável) existir uma disposição dos representantes da Mídia em reforçar a localização das mulheres nesse universo do específico, do "assessório", na condição de pobres coitadas.

[36] No *Movimento dos Sem Teto* a prática do trabalho coletivo de limpeza e de organização do sistema de distribuição de tarefas nas ocupações é uma incessante tentativa de operacionalização e manutenção, sobretudo porque os homens tendem a não disponibilizarem-se para a execução do trabalho feito dentro do espaço "privado" da ocupação, senão para as tarefas que dizem respeito à segurança (portaria, Comissão de Segurança, etc), mesmo em muitos casos tendo ocorrido problemas nas ocupações justamente porque muitas vezes os homens se recusam a assumir até mesmo o "trabalho masculino", ficando às mulheres a sobrecarga de atividades para fazerem cumprir a tarefa maior de "manter a ocupação de pé".

[37] Ibdem.

Relações internas que estimulem e legitimem a proposta de outra representação, devem ser, sobretudo, consideradas quando o foco é a construção de uma opinião pública favorável à consolidação e a expansão de um trabalho de mulheres dentro do Movimento que busque parâmetros para se realizar em atrizes e atores internos. Na Modernidade nosso grande "rádio transmissor", aquele que poderá cumprir com o papel de avançar, dentro da velocidade dos nossos tempos, em direção ao amparo dos universos aqui citados é a Mídia, e, por isso, ela tem que ser conquistada para que a disputa contra-hegemônica possa ser feita com a mínima condição de disputa, e a significação política dos meios de comunicação transformada.

Kappler (1960) diz que "é óbvio que um simples filme, ou programa de rádio ou de televisão [ou outro modelo de veículo] não basta para mudar as opiniões dos assistentes [os receptores], principalmente se elas estão relativamente firmadas. Não é tão evidente como é que essas atitudes, essas predisposições, atuam antes e continuam atuando durante a exposição às comunicações que as pessoas recebem, o que elas lembram das mensagens, como elas as interpretam e o efeito que as comunicações coletivas lhes causam. [O que] a pesquisa de comunicações descobriu, por exemplo, [é] que as pessoas tendem a ler, ouvir ou ver comunicações que apresentem pontos de vista de seu agrado e a evitar as demais." "Portanto, é óbvio que se as pessoas procuram evitar as comunicações coletivas que contrariam seus pontos de vista e interesses; se tendem a esquecer as que recebem; e, se finalmente aquelas de que conseguem lembrar-se, não é provável que as comunicações coletivas possam lhes causar mudança de pontos de vista. Serão muito, muito mais eficientes apoiá-los e reforçá-los." "Há outros fatores, além desses processos seletivos, que tendem a tornar as comunicações coletivas melhor agente de reforço do que de mudança. Um deles é o grupo a que pertence o membro da audiência, com as suas normas. Outro é a influência pessoal. Um terceiro envolve aspectos econômicos dos meios de comunicação coletiva nas sociedades de livre empresa."

Ele ainda nos informa de que existem três princípios básicos sobre os efeitos das comunicações coletivas: 1 –de que os receptores não enfrentam o rádio, a televisão ou o jornal em estado de nudez psicológica, sendo a sua influência condicionada por fatores como predisposições, grupos, processos de seleção, etc, 2 –de que esses fatores as condicionam e as tornam agentes de reforço [ou não] e 3 –de que sob determinadas circunstâncias, condições, predisposição à transformação, etc, elas pode, sim, tornar-se agentes de mudança de gostos, comportamentos, valores, etc, apesar do efeito típico de reforço das comunicações coletivas.

Ora, se pensarmos que 1 –muitos são os estímulos para o reforço engendrados pela cultura patriarcal nas relações de gênero, 2 –que a(o)s sujeitos do movimento nessa cultura foram educados, 3 –mas que os fatores que produzem efeito de reforço não atuam com 100% de eficiência, 4 –há um trabalho de mulheres em desenvolvimento no MSTB e 5 –e que esse trabalho precisa ser divulgado e as mulheres precisam tornar-se referências através da visibilidade de suas ações políticas (justamente porque várias são as variáveis intervenientes que atuam sobre a possibilidade do efeito reforçador ou de mudança), podemos concluir que o fortalecimento e a convergência dos fatores que podem acentuar o efeito de

mudança em relação às tendências de comportamento sobre a questão de gênero e a criticidade em relação à tentativa de universalização de uma cultura na qual os homens sejam os pontos de referência, nos ajudará a democratizar as relações de gênero e a conquistar um espaço de visibilidade midiática e renovar o quadro de referências de lideranças.

"Os meios de comunicação não são determinantes principais das tendências de comportamento", mais uma vez nos disse Kappler (1960), "pois aqueles que estão em condições da passividade assim podem continuar, como também naqueles que são "intelectualmente curiosos" despertados poderão ser novos interesses. Todavia, mudança de uma pessoa de um tipo para o outro é resultante, dentre diversos fatores, principalmente da experiência no campo do empírico, do convívio com atores e atrizes agentes de mudança, com o conhecimento dentro do universo destas relações construído. Se as condições estiverem sendo trabalhadas para que ao imaginário de cada receptor da informação midiatizada possa ser adicionada "aquela pulguinha atrás da orelha", a Mídia tem um papel fundamental para que a mudança de comportamento de mulheres e homens dentro do Movimento seja uma realidade "para melhor".

Em se falando de comunicação de massa, Stuart Hall (03), sobre Codificação/Decodificação, coloca-nos que o processo comunicativo é "uma estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados – *(A)*produção, *(B)*circulação, *(C)*distribuição/consumo e *(D)*reprodução"[38]. Levando em consideração o papel da Mídia de receptora, (re)produtora e vendedora[39] e de mensagens, e ampliando essa dinâmica a um movimento cíclico de construção e manutenção de ideologias, afirmamos mais uma vez o poder midiático de legitimar atitudes, gostos, predisposições e tendências de comportamento, inclusive a própria mudança. Não está longe de concluirmos que o Movimento – e falamos aqui dos seus sujeitos – precisa criar espaços midiáticos e condições para que com o apoio da cobertura da Mídia sejam alterados o perfil e a configuração das relações de gênero, e introduzido em sua cultura política o debate sobre o tema.

A mulher deve ser considerada em relação à sociedade e não apenas na família, devendo a concepção patriarcal ser desconstruída com esforços de diversos meios, midiáticos ou não, que ampliem o "espaço transversal feminino: prático e mental, estrutural e projetual (CAPELLIN, 1994)", que ampliem a sua projeção para o universo do mundo público. A "(...) luta pela valorização da identidade feminina [e da representação política das vozes femininas] trilha diversos caminhos: contribui para a redemocratização da sociedade, amplia a inserção profissional das trabalhadoras e apóia o projeto de renovação [da cultura] e da participação [desta no Movimento] sindical" [40] e, sobretudo, nos Movimentos Populares, seja de luta pela terra, seja de luta pelo teto, seja de luta por aparelhos ou bens de serviço, contra a carestia, qualquer que seja a luta... inclusive, aquela contra a tendência de demarcação patriarcal da grande Mídia burguesa.

[38] Variáveis são grifo nosso.
[39] Alusão feita às observações do autor acerca da condição da informação como mercadoria, tendo citado obras de Marx, tias como *Grundisse* e *O Capital*.
[40] Ibdem.

**Referências bibliográficas:**

ALMEIDA, Jorge. Representações Sociais da Política e Cenário de Representação Midiático da Política, 2005. Trabalho apresentado no XXIX Encontro Anual da ANPOCS, GT 11 – Mídia e Opinião Pública.

_____ Mídia, Estado e Sociedade Civil no "Fora ACM" 2001. Salvador, Caderno do CEAS, 2004.

CAMURÇA, Silvia, GOUVEIA, Taciana. "O que é Gênero". 4ºed, Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia, 2004.

KLAPPER, Joseph. *Os Efeitos Sociais da Comunicação Coletiva*. Panorama da Comunicação Coletiva. Editora Fundo de Cultura. Brasil/Portugual (s.d.)

PORTELLI, Hugues. Gramsci e o Bloco Histórico. Rio de Janeiro, Terra e Voz, 1977.

RUBIM, A. Albino Canelas. *A Comunicação e a política dos neo-zapatistas.* Caderno do CEAS, nº 166, Dezembro/1996.

SAFFIOTI, Heleith, "Rearticulando Gênero e Classe" In: A. O. & Bruschini (orgs). Uma Questão de Gênero, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, pp.: 183-215.

SOUZA, Herbert José de. Como se faz análise de conjuntura. 3º ed. Ed. Vozes, Petrópolis, 1985.

TOLEDO, Cecília. Mulheres: O Gênero nos une, a classe nos divide. Cadernos Maxistas. São Paulo, 2001.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. *Hegemonia.* Zahar editores, Rio de Janeiro, 1999.

Documentos:

Revista *Caros Amigos*, ano IX, nº 105, dezembro, 2005.

Caderno *Gênero e Raça: Desafios à Escola*, Mary Garcia Castro, 2006. Produção da Secretaria de Educação de Salvador.

Sites:

http://www.geocities.com/gramsci_uni/textoigor.html